

REFERENCIAÇÃO E TEXTO

REFERENTIATION AND TEXT

AlenaCiulla(UFRGS)¹

Resumo: Retomamos aqui um projeto inacabado sobre o estudo das funções dos processos dêiticos e anafóricos, que visava reavaliar e, eventualmente, ajustar o quadro proposto por Ciulla (2008). Nesse projeto, intitulado inicialmente por Cavalcante como “referenciação e uso”, além de uma avaliação do quadro classificatório das funções dos processos referenciais proposto, tinha-se o objetivo de integrar tipos sob parâmetros comuns. Foram distinguidas, então, seis grandes funções e subfunções, as quais abrigariam os principais processos referenciais nos textos, discutindo-os com exemplos. Apresentamos aqui essa reorganização do quadro classificatório de funções, de modo a reavivá-lo – até porque novas formas de interação pelos textos surgiram, de lá para cá. Além disso, chamamos a atenção para um aspecto importante de uma explicação que subjaz a essa classificação: a observação dos processos referenciais em “uso”, ou seja, no seu papel textual, e que tem uma importância crucial no percurso de Cavalcante. Para Cavalcante, dizer “língua em uso” é dizer o funcionamento da língua nos textos e, nessa reorganização do quadro classificatório de processos referenciais, torna-se patente a relação entre referenciação e texto, tão cara e tão consistente na obra da autora. Nosso objetivo, então, é, não somente publicar, em um periódico de grande circulação, a reorganização inédita do quadro de funções referenciais, mas sobretudo recuperar o fio condutor do raciocínio de Cavalcante, que, pensando a língua em uso, única instância em que a referenciação pode ser observada, chega no texto, em uma reflexão que faz rever muitas abordagens de fenômenos textuais e discursivos, deslocando conceitos importantes. Ressaltamos assim esse percurso de Cavalcante, que é muito autoral e nutre os estudos da Linguística Textual brasileira até hoje.

Palavras-chave: anáfora; dêixis; função referencial; língua em uso.

Abstract: In this article we return to an unfinished project on the study of the functions of deictic and anaphoric processes, which aimed to reevaluate and eventually adjust the framework proposed by Ciulla (2008). In this project, initially entitled “referentiation and use” by Cavalcante, in addition to evaluating the framework for classifying the functions of referential processes proposed by Ciulla (2008), the aim was to integrate types under common parameters. Six main functions and sub-functions were identified to host key referential processes in texts, which are discussed with examples. This reorganization of the framework is presented, including the ones which emerge nowadays from the new forms of interaction. We also draw attention to an important aspect of an explanation underlying the classification: the observation of referential processes in “use”, that is, in their textual role, and which is of crucial importance in Cavalcante’s work. For Cavalcante, to say “language in use” is to say how language functions in texts and, in this reorganization of the classificatory framework of referential processes, the relationship between referencing and text, so important to her and so consistent in the author’s work, becomes evident. Our aim, then, is not only to publish the unprecedented reorganization of the

¹ Doutora em Linguística, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0710-9397>, Email alenaciulla@gmail.com

Este trabalho é fruto de um rascunho de escrita conjunta entre Mônica Magalhães Cavalcante e mim, de artigo que nunca foi publicado e que aqui, em um misto de pesar e alegria, finalizo e submeto à publicação. São guardadas, nessas páginas, as palavras dela, tal qual ela as redigiu, com os meus acréscimos, observações e pontes, que atualizam a proposta e articulam o texto, para retomar a proposta de classificação das funções referenciais e, sobretudo, ressaltar o legado de Cavalcante que encaminha a reflexão.

framework in a widely circulated journal, but above all to recover the guiding thread of Cavalcante's reasoning, which, thinking about language in use, the only instance in which referentiation can be observed, arrives at the text, in a reflection that revises many approaches to textual and discursive phenomena, displacing and reformulating important concepts. We highlight Cavalcante's path, which is very authorial and nourishes Brazilian textual linguistics to this day.

Keywords: anaphora. deixis. referential function. language in use.

Introdução

Referenciação é um termo que Cavalcante (2000) passa a empregar em sua tese, tomado de empréstimo de Mondada; Dubois (1995) e de Apothéloz (1995a), para tratar da construção de sentido promovida pelos objetos de discurso no texto. Nessa reflexão, Cavalcante teve forte influência das leituras que fizeram Luiz Antônio Marcuschi, seu orientador de doutorado, e Ingodore Koch, em quem também se inspirava e com quem sempre manteve forte interlocução de pesquisa.

Chamo a atenção, em especial, para uma passagem da tese de Apothéloz em que o autor introduz o problema da anáfora, mostrando que ele está ligado ao redimensionamento do texto, o que, em minha opinião, é um dos pilares iniciais mais importantes a impulsionar a reflexão de Cavalcante:

Benveniste observou que a frase, como nível de análise, distingue-se dos níveis linguísticos de classe inferior, como o fonema, o morfema ou o lexema, pois não constitui uma unidade formal que possa figurar como constituinte em uma unidade de nível superior. De modo que, conforme uma formulação que se tornou célebre, “com a frase, saímos do domínio da língua como sistema de signos e entramos em um outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso (1966: 129-130). A fronteira que traça aqui Benveniste é a que opõe duas ordens de fatos: o formal, da sintaxe, e o da ação linguageira. Ora, essa distinção interessa diretamente o problema da anáfora.

(Apothéloz, 1995a, p.18)²

As expressões anafóricas, de acordo com Apothéloz (1995a), têm um efeito, conforme considerarmos apenas o âmbito sintático em que atuam, e outro, considerando-se os fatores contextuais e pragmáticos. E essa afirmação se aplica igualmente à deixis. Essa passagem da análise da frase gramatical à análise do texto, da língua como sistema para a língua em uso, pela percepção do funcionamento anafórico e dêitico, está na base da Linguística Textual (LT) que Mônica Cavalcante ajudou a desenvolver e a firmar no Brasil.

Com a tese *Expressões iniciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*, que também marca o início de sua atuação como orientadora na pós-graduação, Cavalcante (2000) faz um gesto importantíssimo para a LT, que foi firmar uma certa noção de referenciação, criando terreno para que essa noção se desenvolvesse, sempre relacionada ao texto e na direção

²No original: « Benveniste notait que la phrase, en tant que niveau d'analyse, se distingue des niveaux linguistiques de rang inférieur comme le phonème, le morphème ou le lexème en ceci qu'elle ne constitue pas une unité formelle pouvant entrer comme constituant dans une unité de rang supérieur. De sorte que, selon une formulation demeurée célèbre, « avec la phrase on quitte le domaine de la langue comme système de signes, et l'on entre dans un autre univers, celui de la langue comme instrument de communication, dont l'expression est le discours (1966 :129-130). La frontière que trace ici Benveniste est celle qui oppose deux ordres de faits : celui, formel, de la syntaxe, et celui de l'action langagière. Or, cette distinction intéressera directement la problématique de l'anaphore. »

do texto. E assim foi: na sequência da publicação de sua tese, Cavalcante orienta a dissertação intitulada *A referenciação anafórica e dêitica: com atenção especial para os dêiticos discursivos*, em que Ciulla (2002) dá continuidade à reflexão, propondo uma reorganização classificatória das expressões referenciais e evidenciando a sobreposição de funções, entre a dêixis e a anáfora. Outro trabalho importante nessa cronologia foi a publicação, em 2003, de *Referenciação*, uma coletânea de textos traduzidos, escolhidos por Cavalcante, de autoras (e bem poucos autores) que foram essenciais para a noção que se constituía. Com esses trabalhos, especialmente pelo marco que representou esta última publicação, feita por uma grande editora, pode-se evidenciar o papel textual das expressões referenciais, cuja proposta de análise deu origem ao Protexo, grupo de pesquisa fundado sob a liderança de Mônica Magalhães Cavalcante na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Esse histórico é aqui apresentado, para ressaltar a importância do tema da referenciação como ponto de partida no percurso teórico de Cavalcante, dentre tantos outros a que ela se dedicou ao longo de sua carreira. São destacados, aqui, apenas alguns³: aqueles que, a nosso ver, promoveram deslocamentos teóricos mais marcantes especificamente para a referenciação. Cronologicamente, o destaque seguinte é a tese de Ciulla (2008), cuja contribuição, para além de um aprofundamento na reflexão sobre as funções de anafóricos e dêiticos nos textos, é a de considerar não mais exatamente as *expressões referenciais*, mas os *processos referenciais*. Esse movimento é importante, pois reposiciona e confirma anáfora e dêixis em seus papéis discursivos, não excludentes, mas complementares um do outro, de construção de sentido dos textos. Mais adiante, parte dessa noção é desenvolvida por Matos (2018), que destaca o funcionamento dos processos referenciais em *redes*. Outro deslocamento importante foi o que promoveu Martins (2019), no que diz respeito à reorganização do quadro classificatório da dêixis, em que são aprofundados e acrescentados alguns tipos dêiticos, e, mais recentemente, novamente Martins (2024), sobre a dêixis nos textos produzidos em ambiente digital – o que nos leva, entre outras questões, a repensar a fundamental relação entre texto e enunciação.

Para evidenciar a relação entre referenciação e texto que se constitui nesse percurso, retomamos aqui um projeto inacabado de continuidade ao estudo das funções dos processos dêiticos e anafóricos. Nesse projeto, intitulado inicialmente por Cavalcante (2009) como “referenciação e uso” e apresentado em uma comunicação na Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), disponível no site da UFC, mas não publicado nos anais do evento, é feita uma avaliação do quadro classificatório das funções dos processos referenciais proposto por Ciulla (2008), com o objetivo de integrar tipos já descritos sob parâmetros comuns. Ora, um trabalho de classificação de funções referenciais que busca tornar mais precisos e homogêneos os critérios de classificação é importantíssimo para a descrição de recursos textuais de que os falantes dispõem e criam para se expressar em uma língua. Nesse trabalho, além disso, sobressai justamente a implicação dos processos referenciais na “língua em uso”, ou seja, no seu papel textual, para Cavalcante.

Saliento essa observação, lembrando que a questão tem uma importância epistemológica muito grande. Sabe-se que a linguística textual, em seus desenvolvimentos, principalmente a partir da década de 60, mas, no Brasil, entre os anos de 1990 e 2000, precisou expandir a linguística para além dos limites definidos pelos estudos da língua como sistema. Foi preciso, a partir daí, reformular o seu próprio objeto, o texto, que, para ser compreendido, precisa ser visto na língua em uso. Entretanto, esse ponto em comum não coloca todas as abordagens da linguística textual em pé de igualdade, nem mesmo a expressão “língua em uso” aparece em todas elas. As redefinições de texto, partindo de diferentes pressupostos sobre língua, deram origem a diferentes vertentes de estudo. A noção de texto, como em um efeito cascata, é fruto, portanto, de uma reflexão particular. Aqui mostro parte do trajeto de Cavalcante para dar conta do

³ Todas as publicações de Cavalcante, bem como as teses e dissertações de seus orientandos, encontram-se no repositório intitulado Biblioteca Mônica Magalhães Cavalcante, disponível em <https://bibliotecammc.com/>.

problema, que é um problema da linguística, e que ela escolheu tratara partir de uma linguística textual (a qual, por sua vez, também não estava/está dada de antemão e é preciso construir e redefinir, conforme o objeto de investigação evolui).

1 De expressões referenciais a processos referenciais

Uma das motivações que nos levaram a investigar o papel textual das expressões referenciais é a observação de estudiosos, como Apothéloz (1995a), para quem as tipologias clássicas dos fatos anafóricos deixam de fora uma série de fenômenos ainda por explicar. Para Koch e Marcuschi (1998), a retomada anafórica seria a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida e, no entanto, não de todo compreendida e, às vezes, até mal compreendida. Isso mudou em uma pequena escala, para um círculo acadêmico restrito, pelos estudos realizados aqui no Brasil, mas continua sendo uma realidade nos bancos escolares e até mesmo em faculdades de letras, nas quais o fenômeno da anáfora é pouco ou nada discutido.

A dificuldade enfatizada pelos autores é devida também, em parte, à tentativa de entender as expressões referenciais como formas de contornos bem definidos e pré-estabelecidas. Porém, sendo a referenciação um processo que se dá no discurso, a cada enunciação, estabelecendo-se, portanto, no momento da interação, as expressões referenciais também precisam de uma definição que comporte essa fluidez. Uma das características que emprestam mobilidade, não somente às anáforas, mas a todas as expressões referenciais, de um modo geral, é o fato de não haver vínculo rígido entre a forma e a função textual da expressão. Além disso, como veremos nos exemplos, o sentido das expressões referenciais não é localmente atribuído pela expressão, mas é construído na tessitura do texto, por vários elementos que convergem para uma determinada interpretação. Por isso, Ciulla (2008) passa a considerar o processo referencial como um todo, em vez de observar a expressão referencial de maneira isolada.

O próprio papel desempenhado por esses elementos não poderia, por essa perspectiva, ser visto de modo isolado, por isso, a partir daí, quem pretendesse propor um quadro descritivo de funções referenciais já saberia, de antemão, que enfrentaria pelo menos dois grandes problemas. Primeiro, o de lidar com a sobreposição: conforme Ciulla (2002) algumas expressões podem ser dêiticas e anafóricas ao mesmo tempo, por exemplo. Segundo, o de admitir que essas expressões podem ser observadas separadamente. Consideramos, então, que a separação só pode ser concebida para fins didáticos e de análise; na verdade, elas se imbricam, e dificilmente se poderia atribuir a um único critério determinante a escolha de uma expressão referencial em dado enunciado. Assim, um primeiro passo foi dado, no que diz respeito a advogar pelo *processo referencial*.

1.1 Processo referencial e a evolução dos objetos de discurso no texto

Para começar a tratar do emprego de expressões referenciais em textos de gêneros variados, precisamos esclarecer a noção de referente que vimos aceitando desde Cavalcante (2000). Entendemos os referentes como objetos de discurso, entidades que construímos quando enunciamos, sempre levando em conta uma situação concreta, oral ou escrita, cuja negociação de sentidos e de coerência é sempre realizada pelos participantes dessa interação. Trata-se de realidades, portanto, que são representadas pelos interlocutores, nas interações pela linguagem.

Vistos sob tal perspectiva, os objetos de discurso e o modo como se fabricam e como evoluem no discurso não podem ser caracterizados, levando-se em conta somente as expressões referenciais, mas todo um conjunto de indícios que o texto fornece e articula para que os sentidos e a coerência sejam reelaborados pelos interlocutores, à sua maneira. Repare-se no exemplo:

(1) **Consciência limpa**

No tribunal, o juiz pergunta ao réu:

- No momento do furto, o senhor não pensou nenhum instante na sua mãe, na sua mulher?

- Pensei, sim, seu doutor! Mas na loja só tinha roupa de homem!

(Site de piadas. Disponível em <http://www.zebiboteca.com.br/4828/piadas/outras/consciencia-limpa>).

Em nenhum momento se explicita o objeto de discurso *arrependimento*, ou *culpa*, por parte do réu; ou *acusação*, por parte do juiz; tampouco se menciona *falta de consciência moral*, responsável pela quebra de expectativa do sentido e, consequentemente, pela confirmação do humor. Todavia, todos eles estão salientes no texto, em uma certa leitura, pela menção, do juiz, por exemplo, sobre não ter pensado na mãe ou na mulher, figuras às quais associamos, em nossa cultura, o sentimento de culpa. Além disso, esses objetos (*arrependimento*, *culpa* e *falta de consciência moral*, que podem ser inferidos na pergunta do juiz) se transformam, na resposta do réu, no produto do roubo, mais especialmente no aspecto mais pragmático do roubo, e não no aspecto moral, pelo fato de ter levado apenas roupas masculinas que não serviriam nem para a mãe nem para a mulher.

A referenciação é, assim, um processo discursivo em que os objetos se transformam e evoluem; não vale, nesta visão, pensar em processos anafóricos e dêiticos, examinando somente a menção de certas expressões referenciais em dados pontos da tessitura textual, como se elas não estivessem ali constituindo relações, tanto com outros referentes que lhes forem associados, quanto com outros termos não-referenciais. Matos (2018, p.169) define essas relações como “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos”, homologando, assim, a definição de *rede referencial*. Há aqui um importante saltadas *cadeias coesivas* para as *redes referenciais*, que implicam não somente a relação de encadeamento linear entre elementos nas frases, operada por elementos lexicais, mas todas as relações que os interlocutores realizam ao construir os sentidos, incluindo os que emergem do co(n)texto pelo conhecimento de mundo, da situação, dos próprios recursos textuais e comunicativos etc.

Voltando ao exemplo, o que colabora para que o objeto de discurso *arrependimento* seja elaborado? A resposta para isso não reside em um único elemento que dispararia o gatilho, nem é a mesma para todos os leitores, porque as ligações entre os conhecimentos compartilhados dependem, evidentemente, das diferentes bagagens culturais dos interlocutores e do foco de atenção a cada ponto do discurso. Algumas possibilidades, como a que interpretamos, seriam “consciência limpa” em oposição a *consciência suja, pesada*, que conduziria a “o tribunal”, “o juiz”, “o momento do furto”, dentre outras, em uma perfeita edificação de sentidos.

Do mesmo modo, no trecho do discurso político em (2), a expressão anafórica “uma crise” apenas homologa um referente que já vinha sendo gradativamente maturado, sobretudo a partir das metáforas “entre nuvens carregadas e tempestades violentas”:

(2) Meus caros concidadãos,

Estou aqui hoje humildemente diante da tarefa que temos pela frente, grato pela confiança que vocês depositaram em mim, ciente dos sacrifícios suportados por nossos ancestrais. Agradeço ao presidente Bush pelos serviços que prestou à nação, assim como pela generosidade e a cooperação que ele demonstrou durante esta transição.

Quarenta e quatro americanos já fizeram o juramento presidencial. As palavras foram pronunciadas durante marés ascendentes de prosperidade e nas águas plácidas da paz. Mas de vez em quando o juramento é feito entre nuvens carregadas e tempestades violentas. Nesses momentos, a América seguiu em frente não apenas por causa da visão ou da habilidade dos que ocupavam os altos cargos, mas porque nós, o povo, permanecemos fiéis aos ideais de nossos antepassados e leais aos nossos documentos fundamentais. Assim foi. Assim deve ser para esta geração de americanos.

Que estamos em meio a uma crise hoje é bem sabido. Nossa nação está em guerra, contra uma ampla rede de violência e ódio. Nossa economia está gravemente enfraquecida, uma consequência da cobiça e da irresponsabilidade de alguns, mas também de nosso fracasso coletivo em fazer escolhas difíceis e preparar o país para uma nova era. (...) (discurso de posse do presidente dos EUA, Barack Obama. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/especiais/posse-barackobama/ulnot/2009/01/20/ult7169u43.htm>)

Não afirmaremos que “uma crise” manifeste uma introdução referencial inteiramente nova no texto, de vez que a imagem de nuvens e tempestades, antiteticamente posta logo após os objetos de discurso que remetem à prosperidade à paz, já sugere ao leitor que o enunciador está começando a aludir a uma situação problemática. A entidade, portanto, já vinha sendo introduzida, antes de ser designada por um sintagma nominal específico.

Sob o mesmo raciocínio, não nos parece lícito analisar um fenômeno como o da recategorização (ver Ciulla, 2015), por exemplo, examinando meramente as expressões referenciais que porventura explicitem a evolução do referente. No exemplo (3), a recategorização do referente relativo àquilo que o mau hálito provoca nas pessoas já vinha sendo preparada para figurar como “um terrível constrangimento”, antes mesmo de a expressão encapsuladora ser empregada e de ser ratificada por “este embaraçoso problema”:

(3) 10 problemas comuns que causam o mau hálito

Tem situação pior do que esta: você está conversando com uma pessoa e ela se afasta lentamente do seu rosto? Essa cena é muito comum e geralmente acontece devido a um problema que atinge mais de 30% da população brasileira: o mau hálito. Esse terrível constrangimento pode tanto afetar a sua vida social como a sua saúde. Mas quais são os motivos do mau hálito? Porque são provocados? Como evitar esse embaraçoso problema? Para acabar com essas dúvidas e com o péssimo odor da boca, o *i*Todas conversou com alguns especialistas e separou 10 problemas comuns que causam o mau hálito. Trazemos ainda dicas de como resolvê-los.

1 - Má alimentação

(...) **O que ajuda:** beber bastante água e ter uma dieta balanceada.

2 - Jejum prolongado

(...) **O que ajuda:** comer a cada três horas.

3 – Higiene oral

(...) **O que ajuda:** limpar os dentes depois das refeições.

4 – Baixo Fluxo Salivar

(...) **O que ajuda:** beber muita água ou usar lubrificadores bucais.

(Site de notícias, saúde. Disponível em <http://www.tvcanal13.com.br/noticias/10-problemas-comuns-que-causam-o-mau-halito-43708.asp>).

A sensação de repulsa das pessoas é primeiro explicitada no texto para, só adiante, ser nomeada e renomeada (como em “esse terrível constrangimento” e “esse embaraçoso problema”) à proporção que novos valores são acrescidos. Muitos fatores participam, pois, da instauração de um objeto de discurso, assim como da sua evolução ao longo do texto. A discussão dos tipos de funções discursivas dos processos referenciais que faremos a seguir não pode perder de vista as noções caracterizadas acima, numa tentativa de lhes ser fiel.

Por fim, nesta seção, lembramos que os textos analisados, mesmo já pertencendo ao ambiente digital, não têm imagens ou elementos gráficos marcantes que pudessem sugerir outra ordem de percepção dos objetos de discurso e sua evolução no texto. Assim, foram analisados pela ordem em que aparecem linearmente, ainda que impliquem a possibilidade de que diversas associações e recategorizações sejam feitas de modo reticular.

2 Principais funções textuais dos processos referenciais

Em Cavalcante (2008), tomando por base teórica a tese de Ciulla(2008), foram sintetizadas cerca de dez funções relacionadas não somente a mecanismos de organização textual, mas também a aspectos enunciativos. Algumas dessas funções serão redesenhas aqui, dentro de um agrupamento mais sintético e atualizado pelos estudos subsequentes.

2.1 Organização da tessitura textual

As primeirassubfunções classificadas por Ciulla(2008) poderiam, a nosso ver, ser enquadradas na função maior de **Organização da tessitura textual**, conforme segue.

2.1.1 Articulando (sub)tópicos

Uma das mais proeminentes, neste primeiro agrupamento, é a de *articulação tópica*. O *tópico* é tomado, neste trabalho, como o tema de um texto, o assunto que lhe dará unidade de coerência, porque em torno deste centro girarão todos os demais subtemas. Eis por que Jubran; Koch (2006) descrevem o tópico a partir de duas propriedades: esta, da *centração*, e a da *organicidade*. Pela característica da *organicidade*, pode-se dizer que um tópico central costuma organizar-se, num texto, em subtópicos arranjados em relações de subordinação (hierárquicas, verticais) ou de coordenação (horizontais)⁴:

O tópico discursivo manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. Esses dados, observáveis nas manifestações verbais, levam à formulação da primeira propriedade definidora de tópico, a de *centração* (...) [A segunda é a de *organicidade*]. (Jubran; Koch, 2006, p.36).

Observemos esses mecanismos de articulação tópica no seguinte exemplo:

(4) **Vicky Cristina Barcelona**

É quase impossível classificar Woody Allen em uma categoria. Isso seria mais ou menos como aprisioná-lo a um rótulo que sua carreira e obra se encarregariam de derrubar com facilidade. No entanto, há traços que se destacam na trajetória do cineasta e um dos mais evidentes é o gosto por personagens femininas fortes. "Vicky Cristina Barcelona" fala antes de tudo sobre a mulher. Nos personagens de Rebecca Hall, Scarlett Johansson e Penélope Cruz estão expostas várias facetas do arquétipo feminino, sem com isso parecer esquemático demais. E Javier Bardem, com sua persona direta, objetiva e pragmática, representa o homem no que tem de mais primal. Depois de "Scoop" e "O Sonho de Cassandra", dois filmes que não aconteceram, o diretor volta a sua melhor forma. Por tudo isso, foi o melhor do ano.

(Site de crítica de cinema. Disponível em <http://cinema.uol.com.br/especiais/top10/2008/>).

⁴ A segunda propriedade definidora do tópico discursivo é a *organicidade*, manifestada por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente em dois planos:

- a) no plano hierárquico, conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;
- b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso. (JUBRAN; KOCH, 2006, p.36).

O tópico central do texto acima orbita em torno de personagens femininas, de Woody Allen -particularmente no filme *Vicky Cristina Barcelona* -, que confirma um dos traços marcantes do cineasta. Chama a atenção aqui o fato de as expressões referenciais anafóricas indiretas em grifo (“traços que se destacam na trajetória do cineasta” e “gosto por personagens femininas fortes”), antecedidas pelo marcador discursivo *no entanto*, serem os elementos que, de fato, homologam o tópico central, também confirmado por “arquétipo feminino”.

No subtópico que inaugura o texto apenas é tecido um comentário inicial sobre como classificar a carreira de Woody Allen e, assim, semeia-se terreno para a inserção do tópico. Em seguida, as expressões anafóricas indiretas “os personagens de Rebecca Hall, Scarlett Johansson e Penélope Cruz” se tornam essenciais para a compreensão de que o subtópico em que se encontram constitui uma especificação do tema geral do texto, numa relação de subordinação. Por outro lado, é também uma anáfora indireta (“Javier Bardem”) que liga, numa relação horizontal (de coordenação), o subtópico da imagem do homem primal ao subtópico anterior das mulheres fortes. Finalmente, novas anáforas indiretas, manifestadas pelos nomes dos dois filmes que não vingaram (“Scoop” e “O Sonho de Cassandra”), associam esses dois fracassos ao sucesso da novapélícula, também numa relação linear, de não-subordinação.

Em resumo, por meio de uma expressão referencial, é possível:

- a) iniciar um tópico ou um subtópico;
- b) ligar um subtópico ao tópico central, subordinando um ao outro;
- c) coordenar subtópicos.

Assim como a próxima função, de *tecer a rede anafórica*, a de *organização da tessitura textual* é também constitutiva dos textos. Esta peculiaridade alça essas duas funções a um estatuto diferente, porque as faz imprescindíveis ao estabelecimento da coerência, ao contrário de outras, que poderiam ou não estar presentes em um texto.

2.2 Tecendo a rede anafórica

Pode parecer tautológico propor uma função dos processos referenciais como sendo a de “tecer a rede”, mas faz sentido se pensarmos na ideia de entrelaçamento de referentes na malha textual. É como se esta função fosse a condição para se proporem as demais. Mas, se ela pré-condiciona as outras, por que, então, incluí-la no quadro classificatório? Porque a função de tecer a rede é desempenhada de diferentes modos, os quais vemos como subfunções que se relacionam diferentemente com as outras.

a) A função de *retomar um referente*, desempenhada por anáforas correferenciais e por anáforas indiretas (não-correferenciais) cumpre, em primeiro lugar, o propósito de articular os subtópicos ao tópico central; é, portanto, uma das grandes responsáveis pelas propriedades da *centração* e da *organicidade*. São, em primeira instância, mecanismos coesivos, assim como o de *encapsular proposições*. Nada obsta, evidentemente, a que ela também se preste a outros objetivos, se lhe for associada a função de recategorizar os objetos de discurso, como veremos adiante. Outra função que lhe competiria seria a de *desambiguar uma referência*, colaborando, ainda mais, para a constituição da unidade de coerência.

b) A função de *encapsular proposições* é exercida por anáforas encapsuladoras e serve, antes de tudo, para resumir conteúdos espalhados pelo menos em uma oração. O referente que essas anáforas retomam nunca é manifestado anteriormente sob a forma de uma expressão referencial, de modo que o objeto fica difusamente presente no contexto até que uma expressão encapsuladora o ratifique. Esta é, de resto, a principal diferença entre as anáforas tidas como diretas (como se só elas fossem correferenciais) e as encapsuladoras. Analisemos o exemplo (5).

(5) A construção de uma vilã

Quando aceitou o convite para viver a Flora de *A Favorita*, Patrícia Pillar sabia que estava correndo um risco. Aos 44 anos e dona de uma carreira pontuada por personagens do bem, encararia sua primeira vilã, na primeira novela em horário nobre de um autor jovem e disposto a contrariar os modelos consagrados por seus pares mais experientes. A Flora criada por João Emanuel Carneiro entrou em cena como uma ex-presidiária com jeito de santinha injustiçada, revelou-se uma assassina dissimulada e caiu em desgraça à medida que foi engolida por suas carências afetivas. Poderia facilmente descambar para uma vilã memorável, mas caricata, como a Nazaré de Renata Sorrah, em *Senhora do Destino*. No entanto, essa trajetória inverossímil ganhou consistência. Graças a um milimétrico trabalho de construção da personagem, Flora afirmou-se como uma das vilãs mais complexas já surgidas nas novelas brasileiras e fez de *A Favorita* um sucesso em sua reta final. (...) (Revista *Veja*, 14/01/2009).

A argumentação do texto é armada em torno do elogio à atuação de Patrícia Pillar como vilã na novela *A Favorita*. O referente de Patrícia Pillar é introduzido já a partir das primeiras pistas não só do título, que a ela remete indiretamente, mas também a partir da foto da atriz exibida na revista. Assim, quando a expressão anafórica *Patrícia Pillar* é mencionada no cotexto pela primeira vez, ela já exerce a função de *retomada*, do mesmo modo que a elipse em “encararia sua primeira vilã”. É para sobrevalorizar o trabalho minucioso e eficiente da atriz, atendendo a um propósito argumentativo, que o enunciador a recategoriza com os atributos “aos 44 anos e dona de uma carreira pontuada por personagens do bem”, mesmo sem empregar, para esse fim, uma expressão referencial.

Já a expressão “essa trajetória inverossímil” realiza a função de *encapsular proposições*, na medida em que resume o segmento “A Flora criada por João Emanuel Carneiro entrou em cena como uma ex-presidiária com jeito de santinha injustiçada, revelou-se uma assassina dissimulada e caiu em desgraça à medida que foi engolida por suas carências afetivas”. Ao mesmo tempo, incorpora também a afirmação da frase subsequente, que acrescenta a avaliação de que Flora não se transformara numa vilã caricata.

Ciulla (2008) observara também uma função remissiva de, cataforicamente, *anticipar informações, mantendo dados em suspenso* para causar efeitos diversos. Só o contexto específico de um dado texto poderia dizer, precisamente, que efeitos de sentido esses usos anafóricos teriam; para a autora, alguns deles seriam *evitar uma referência genérica e evitar uma referência inadequada*, todos atendendo a um propósito argumentativo.

Em gêneros jornalísticos de natureza opinativa, tais recursos são muito eficientes na preparação da tese a ser defendida, como no artigo de opinião abaixo:

(6) Educação em áreas conflagradas

Cláudio de Moura Castro

A ciência tomou corpo quando descobriu ser mais fácil entender o mundo classificando o que se quer estudar. Aristóteles deu a partida. Muito depois, Lineu pôs ordem na biologia, separando os bichos e as plantas (“Esse de seis perninhos via com o outro, também com seis”). Assim agrupados, fica mais fácil estudá-los e encontrar-lhes outros traços comuns. Para E. Junger, a razão encontra a suasprema metáfora na classificação das espécies da flora. Classificamos até em um campo desconjuntado como a educação. Para entender os avanços e atoleiros do nosso ensino, proponho repensar as classificações costumeiras. Consideremos as escolas como pertencendo a três categorias. Há as escolas dos grotões, há as escolas das cidades médias e pequenas e, finalmente, há as escolas conflagradas das periferias urbanas e favelas. (...) (Revista *Veja*, 21/01/2009).

O objeto que se pode construir por “três categorias” antecipa as descrições que seguirão no texto, dando uma primeira impressão ao leitor de que o propósito do enunciador seria categorizar tipos de escola. Mas a expressão introdutória “áreas conflagradas” já define, de antemão, qual será o tópico central do texto, e a expressão catafórica “avanços e atoleiros do nosso ensino” de algum modo já sintetizam parte dos argumentos que o texto elabora em seguida. Trata-se de uma anáfora encapsuladora que ajuda a *capturar argumentos dispersos*, além de *promover uma catálise de pressuposições*, conforme sugeriu Ciulla (2008).

2.3 Construção argumentativa - recategorizando objetos de discurso

A função de *recategorizar*, ao contrário das duas anteriores, que de algum modo se excluem mutuamente, soma-se a qualquer processo referencial. Nesse processo se faz evoluir uma dada entidade - uma circunstância natural, previsível e esperada – para outra. Várias outras funções, de caráter argumentativo, se valem do processo de recategorização para se efetivar; algumas delas foram descritas por Ciulla (2008) como *atualizar conhecimentos, especificar por meio de uma sequência hiperônimo/hipônimo, fornecer explicações com fins definicionais e/ou didáticos, evitar uma repetição*.

Pode acontecer de uma expressão referencial anafórica promover a própria transformação do objeto no momento em que é enunciada, como bem pontuaram Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999). Mas pode acontecer também de outras expressões, referenciais inclusive, contribuírem para a evolução de uma entidade no discurso, e essa transformação pode nem ser homologada por uma expressão anafórica, como vimos no exemplo (5).

Não estamos advogando que só algumas expressões referenciais se portam como argumentativas, pois aceitamos o pressuposto de que todas as escolhas lexicais e organizacionais colaboram para a arquitetura argumental, mas queremos enfatizar que algumas expressões anafóricas recategorizadoras já contêm, em si mesmas, elementos explicitamente avaliativos; é exatamente delas que estamos tratando aqui, como podemos verificar nos termos sublinhados em (7).

(7) LEIS E NOTAS MUSICAIS NA ACADEMIA OU NA MÚSICA, FELIPE OLIVEIRA NUNCA PERDE O SEU FOCO

Mais do que a pouca idade para suas realizações, o que talvez chame a atenção no jovem Felipe Oliveira de Sousa seja sua determinação. Aos 22 anos, acaba de ser aprovado em primeiro lugar na seleção para mestrado na UFGRS, uma das universidades mais respeitadas do país, um feito e tanto não só para alguém tão jovem, recém-formado, mas para qualquer estudante. (...) (Jornal *O Povo*, 27/01/2009).

2.4 Definição da instância enunciativa

Além dessas funções, tipicamente associadas a processos anafóricos, existem as que são desempenhadas por processos dêiticos, aqueles que pressupõem o ponto de origem do locutor no momento da enunciação, relacionando obrigatoriamente o que é dito com a instância presente de *eu*.

2.4.1 Indicando os participantes da enunciação

O mais evidente desses papéis é o de *indicar os interlocutores* por meio de dêiticos pessoais, como *eu* e *tu/você* e equivalentes marcadores de pessoa. Num texto de sequência narrativa, por exemplo, essa função é fundamental por possibilitar a execução de outras funções, como as denominadas por Ciulla (2008): *assinalar os interlocutores em trechos de discurso direto e indireto livre, marcar o foco narrativo, apelar à participação do coenunciador*, entre outras.

2.4.2 Localizando o referente no tempo e no espaço

Além dos dêiticos pessoais, os espaciais e temporais cumprem o papel de *orientar a localização de um referente no espaço/tempo*. Observe-se, abaixo, o uso de “no último sábado” e de “nesta quarta-feira”, que se apoiam no conhecimento compartilhado de que tais datas tomam como ponto de referência o dia em que a notícia foi enunciada e publicada. O enunciado é orientado temporalmente pelo adjetivo *último* epelo demonstrativo *nesta* para infundir a deiticidade nas expressões em grifo. As informações entre parênteses relativas aos dias no calendário do mês não são dêiticas, exatamente para precisar as datas (dado o caráter do gênero do discurso), tornando-as, assim, independentes do tempo de enunciação do locutor, no caso, a data de publicação do jornal.

(8) 20/01/2009 - 23h17

Mega Sena acumula e sorteia R\$ 30 milhões nesta quarta da Folha Online

Ninguém acertou as seis dezenas do concurso 1.040 da MegaSena, sorteado no último sábado (17), e o prêmio acumulou em R\$ 25.165.354,54. Segundo estimativa da Caixa Econômica Federal, nesta quarta-feira (21), o concurso de número 1.041 pode pagar um prêmio de R\$ 30 milhões ao apostador que acertar os seis números sorteados.

De acordo com a Caixa, o rendimento mensal do prêmio na poupança pode chegar a R\$ 210 mil, o equivalente a 506 salários-mínimos. Por dia, o sortudo ganharia R\$ 7 mil.

As dezenas sorteadas no sábado em Poço Verde (SE) foram: 01 - 06 - 28 - 39 - 44 - 55.

(Site de notícias. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u492539.shtml>).

2.4.3 Indicando um apelo para uma ativação da memória compartilhada

Outras expressões dêiticas exercem uma espécie de função que não serve à identificação das coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar, mas, sim, a uma sinalização para o interlocutor de que ele deve buscar em sua memória uma informação compartilhada com o enunciador. Esse papel é bem típico dos dêiticos de memória (Apothéloz, 1995bBtc), como em (9):

(9) Infelizes para sempre

O filme *Foi apenas um sonho* e a série *Mad Men* reveem as frustrações da primeira geração de americanos que enriqueceu em massa e foi morar no subúrbio. A série vence por noacante.

Um urbanista diria que aqueles aprazíveis subúrbios americanos são uma anomalia: agremiações de famílias de profissão, renda e origem iguais, sem a variedade nem a fricção americana enxerga neles algo mais – o lugar em que os casamentos são estéreis ou rancorosos, em que tudo o que não é igual é tolhido, em que a vida se desdobra sem propósito, a mediocridade reina e o consumo é deus. O fenômeno dos subúrbios (cujo equivalente, no Brasil, são os condomínios fechados) já conta com mais de meio século, mas essa sua imagem continua palpitante na ficção. É ela que está no centro de *Foi apenas um sonho...* (Revista *Vejá*, 28/01/2009).

Não importa que a expressão sublinhada já retome, por anáfora, o que foi introduzido no subtítulo pelos referentes em “primeira geração de americanos que enriqueceu em massa e foi morar no subúrbio”. Ao processo anafórico indireto se superpõe um processo dêítico de convite à memória comum dos leitores, engatilhada pelo demonstrativo *aqueles*. Note-se que, se no lugar do demonstrativo houvesse um artigo definido, o efeito estilístico de apelo à memória do interlocutor não seria o mesmo.

Há que se perceber, ainda, a função, muito própria dos dêiticos, de *salientar um referente*, que é uma estratégia claramente argumentativa, conforme indicou Ciulla (2008). Um dos grandes

responsáveis por essa saliência dada ao referente é o emprego de um demonstrativo, para dirigir o foco de atenção do interlocutor.

2.4.4 Recategorizando a relação com o outro pela forma de tratamento de pessoa

Esta função não apenas (re)define a instância enunciativa, mas qualifica o interlocutor e/ou a relação entre os participantes. É o caso de nos dirigirmos a alguém usando *você* ou *senhor(a)*, que no português brasileiro, por exemplo, é um indicativo de regionalidade e de intimidade com o interlocutor, ou ainda as formas de tratamento a autoridades, como *Vossa Exceléncia* etc.

2.5 Produção de efeitos de engajamento em um campo dêitico

Uma das funções mais bem detalhadas por Ciulla (2008), por ser o foco da tese a análise de narrativas literárias, diz respeito à capacidade de conduzir o interlocutor a partir da perspectiva do personagem. Para os gêneros literários, então, foram identificadas funções mais peculiares ao discurso literário e ao discurso humorístico, que foram enquadradas como *efeitos estilísticos*. Contudo, hoje nos parece que essa função pudesse ser denominada, de modo mais específico, como *efeito de engajamento em um campo dêitico*, que pode ocorrer em quaisquer textos, contribuindo para efeitos de expressividade diversos, inclusive os literários e o humorístico, em que se mostram muito frutíferos.

Vamos explicar melhor essa questão, começando com um excerto de texto literário, que vamos propor como exemplo da subfunção:

2.5.1 Construção de uma certa visada sobre os fatos narrados

(10) Apresentando

A Alemanha nazista. Uma menina com um irmão morto.

Um livro preto com letras prateadas.

Neve. Dois pais de criação.

A mulher com punhos de ferro.

O enrolador de cigarros.

Um judeu escondido no porão.

Palavras...

...e bombas.

Eis um pequeno fato.

Você vai morrer.

A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você? que dirá o céu.

Uma pequena teoria.

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas, para mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e entonações a cada momento que passa. (...)

Primeiro aparece uma coisa branca. Do tipo ofuscante. É muito provável que alguns de vocês achem que o branco não é realmente uma cor, e todo esse tipo batido de absurdo. O branco é sem dúvida uma cor e, pessoalmente, acho que você não vai querer discutir comigo. (Trecho de *A menina que roubava livros*, de Markus Kuzak).

Não se trata propriamente de uma identificação de foco narrativo, que também seria realizada a partir do uso de uma expressão dêitica, mas, sim, de um olhar, de uma ótica, segundo a qual a narrativa flui. Como já dissemos, não estamos pleiteando, e nem é também o caso em Ciulla (2008), que quaisquer efeitos, como outros apontados pela autora, do tipo *transportar o leitor para o mundo ficcional, balizar os graus de distanciamento da cena da obra literária*, sejam obtidos exclusivamente por expressões referenciais. Temos ciência de que muitas outras indicações não-referenciais são convocadas para atuar em conjunto com os processos de referenciação. Insistimos nesse aspecto, pois é um dos principais sustentáculos da ideia de rede referencial e constitui uma dimensão teórica crucial para o texto.

Atente-se, por exemplo, para o paralelismo sintático e para o inusitado paralelismo semântico na primeira subseção do texto (10), que já levam o leitor para dentro do mundo ficcional, instituindo outra camada enunciativa. Mas é o subtítulo seguinte contendo a expressão encapsuladora “um pequeno fato” que, ironizando o tamanho da constatação de que a morte é a única certeza, começa a engajar o interlocutor-leitor na perspectiva da narradora: a morte. É ela que se dirige ao próprio leitor: “Você vai morrer. A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você?”.

Na verdade, toda a narrativa do livro é feita dentro de um jogo polifônico espetacular, em que o foco narrativo de terceira pessoa conduz o ponto de vista da morte ante os acontecimentos, mas também restringe sua onisciência à de uma entidade que vê os fatos, muitas vezes em longos trechos que não cabe aqui reproduzir, pela ótica da garota, pois teve acesso a um livro escrito pela menina que roubava livros e, por ele, alcançou muitos dos mistérios do mundo humano.

Assim, o efeito desse jogo polifônico, que, de fato, implica alternar os campos dêiticos, entre narrador e leitor, entre personagem e leitor etc., não se enquadra apenas como efeito estilístico, pois está relacionado fortemente ao conteúdo, ao modo de construir os sentidos e atingir o leitor.

Certos usos de expressões referenciais podem disparar o efeito de humor, como já demonstrara Lima (2003), ao caracterizar os processos de recategorização metafórica como gatilhos para a quebra de expectativa nas piadas provocando o riso. Observe-se como é a partir da expressão grifada que se constrói o efeito cômico em:

(11) Um bêbado entra na igreja e vê o padre no altar falando para os fiéis, que estavam todos de pé.

- O álcool é a desgraça do homem, todos aqueles que querem ficar livres dele, sentem-se.

Todos os fiéis sentaram.

Então, o bêbado lá na porta grita para o padre:

- Só nós dois mesmo, né, padre?

(Site de piadas. Disponível em <http://www.zebistica.com.br/5923/piadas/religiao/livre-do-alcool>).

Veja-se como, somente com o emprego da expressão anafórica e dêitica em “só nós dois mesmo, né, padre?”, é possível recategorizar o padre como alguém que não quer se livrar do álcool e configurar o valor humorístico que já se espera desse texto, inserido em um site de piadas. O bêbado engaja o padre, como interlocutor, ao se dirigir a ele e recategorizá-lo, alinhando-se a ele com a expressão dêitica de pessoa “nós dois”.

Uma situação bem típica de instauração de diversas camadas enunciativas, salientadas por Martins (2024) e ainda no âmbito dos textos fictícios e literários, é a quebra de quarta parede, que se enquadraria, a nosso ver, também na subfunção *construção de uma certa visada sobre os fatos narrados*.

É importante pontuar que, desde Ciulla, Martins e Custódio Filho (2024) preferimos renomear *cena enunciativa*, como *campo dêitico*, não apenas para marcar o fato de que a

função *produção de efeitos de engajamento* não se restringe à cena literária, mas principalmente para fundamentar a questão no postulado de Martins (2024), que explora a noção de camadas enunciativas que os campos dêiticos instaurados propiciam a cada interação, muitas vezes simultâneas, entre *eu-tu*.

O que propomos aqui, então, a partir do postulado de Martins (2024) sobre o campo dêitico digital, conforme já apresentado, é uma releitura e aprofundamento da explicação do *transporte do leitor* aos mundos narrados, promovido pela dêixis, conforme Ciulla (2008), considerando, inclusive, recursos próprios dos ecossistemas digitais que não se poderiam prever nas propostas pioneiras de Hanks (2008) acerca do campo dêitico. Pensamos que, se todo cenário que emerge do texto pela enunciação incorpora a relação *eu-tu* e é, portanto, fruto da coconstrução contextual de sentidos (cf. Martins, 2019; Cavalcante et al., 2022), e que isso é possível pela instauração de campos dêiticos, a partir da *origo* desses locutores/enunciadores, então as funções dêiticas que dizem respeito à construção de cenários nos textos ficcionais literários podem também ser explicadas pela ideia de campos dêiticos. É o campo dêitico instalado na cena narrada – que, aliás, não necessariamente precisa ser ficcional nem literária – que define a configuração dos objetos de discurso e, a partir daí, orienta a construção dos sentidos. (Ciulla, Martins e Custódio Filho, 2024, p.53).

2.5.2 Construção de um espaço de discussão e compartilhamento de ideias

Um exemplo de instauração de camadas enunciativas em um texto não literário é da interação entre coautores em um aplicativo como o *Google documentos*, por exemplo, em que se institui um campo dêitico paralelo ao do texto do documento, propriamente, que é o dos comentários entre os participantes da edição do texto. Esses comentários servem para chegar a um consenso, sobre como o documento deve ser redigido, completado, formatado etc.

De fato, os textos produzidos em ambientes digitais, especialmente os que se configuram como redes sociais, já comportam em sua própria estrutura o espaço para que essas diversas camadas enunciativas sejam instauradas. Veja-se a figura esquemática que ilustra essa configuração no Instagram:

Figura 1 – post do feedInstagram



Fonte: Martins, 2024, p.105.

Na figura, o 1) aponta para os locutores e suas identidades em jogo, através do @ (perfil do usuário); o 2) aponta para o espaço em que múltiplas semióses pode ser combinadas: fotos, vídeos, música, sons, cores, disposições gráficas variadas; o 3) aponta para os recursos de salvar o post (clicando na bandeirinha), enviar a alguém ou compartilhar no seu próprio perfil (clicando no aviãozinho de papel), curtir (clicando no coração), comentar (clicando no balãozinho de fala).

Observamos, então, que a visada de campos dêiticos, salientada por Martins (2024) em eventos textuais no ambiente digital, serve para explicar uma espécie de sobreposição de situações enunciativas que ocorre em textos literários, mas que pode ocorrer em qualquer outro texto. Essa observação também corrobora a ideia de que as explicações sobre o texto devem recobrir e descrever não apenas textos específicos ou grupos de texto isoladamente, mas devem valer para toda a produção textual humana, incluindo, é claro, a que é produzida no ambiente digital.

2.6 Marcação da heterogeneidade enunciativa

Os processos referenciais podem ser úteis ainda em diferentes expedientes de marcação de heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz, 2004), não somente para estabelecer diferentes níveis de mescla e separação das vozes entre narrador e personagem nos discursos direto e indireto livro, como mencionamos anteriormente, como também para *denunciar um embate de vozes*, por vezes, *assinalando diferentes discursos*.

(12) No ônibus

Fila do ônibus. Na frente, uma mulher gostosa, com roupa justíssima. O ônibus chega e ela tenta subir, não deu, tava justo demais. Ela leva sua mão para trás e desce o zíper, pra desapertar um pouco. Tenta subir de novo, mas ela não consegue. Ela leva a mão pra trás, meio desajeitada, o zíper está fechado de novo. Desce novamente e tenta subir. Não dá. Quando ela vai descer o zíper pela terceira vez, o cara que está atrás dela a pega pela bunda, a levanta e coloca a moça no ônibus.

A mocinha vira pra trás, p#@* da vida e grita:

- Que intimidade é essa? E ele:

- Depois que você abriu o zíper da minha calça duas vezes, pensei que não ia se incomodar!

(Site de piadas. Disponível em

http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=1671).

No exemplo acima, a expressão referencial introdutória “uma mulher gostosa, com roupa justíssima” já denuncia o discurso machista de quem enuncia o texto. Por ela, pode-se recuperar o modo como a mulher bonita e atraente costuma ser designada socialmente, em um tom depreciativo, ainda que elogioso, de uma voz que a julga provocadora e que a supõe meio leviana. É a mesma voz que se manifesta ao final, abrindo o subentendido de que, sendo mulher, só podia ser desajeitada e curta de inteligência para abrir o zíper de um homem duas vezes e nem se dar conta. O discurso humorístico, que domina todo o texto, também se confirma, dentre outras marcas, pela expressão referencial chula “a bunda”.

Outra assinalação de heterogeneidade enunciativa ocorre quando uma expressão referencial é usada *marcando um recurso intertextual* instituído por uma expressão anafórica.

(13) “Minhas férias”, não. Ensine seus alunos a produzir textos de qualidade.

Nova Escola – a revista de quem educa.

Apenas R\$3,40. Peça ao seu jornaleiro. (Anúncio em outdoor).

O exemplo (13) explora uma intertextualidade por citação, reproduzindo, por meio da expressão anafórica indireta “Minhas férias”, um título de tema de redação rotineiramente solicitado aos alunos no primeiro dia após o retorno das aulas. Mas também, interdiscursivamente, a um discurso pedagógico - e uma prática já ultrapassados, monótonos e sem criatividade, que deveriam ser evitados.

As seis funções discriminadas neste trabalho representam apenas uma primeira tentativa de reconsiderar algumas funções discursivas dos processos referenciais, discutidas em Ciulla (2008), com o objetivo de aproximar as que se orientam pelos mesmos parâmetros. Algumas funções mais motivadas por contextos específicos, e só reconhecidas *ad hoc*, foram relegadas a estudos posteriores. Outras foram renomeadas, à luz de uma reflexão mais atualizada, especialmente no que diz às relações enunciação e texto e outras, ainda, foram sugeridas, à luz dos textos que vemos acontecer no ambiente digital.

Os processos referenciais “em uso”, aqui muito resumidos, exigem, de fato, mais explicações sobre como é vista a língua em uso ou no discurso em nossa perspectiva. Porém, não está no escopo deste artigo tratar de todas essas questões, as quais encontram em Cavalcante et al (2022) uma amostra do encaminhamento recente dado pelo grupo Protexto.

Ao fim desta seção, saliento que, a exemplo de Jean-Michel Adam, na LT, tanto partimos de conceitos teóricos para observar a língua, como de dados da língua para reformular a teoria. Então não há a pretensão de que o quadro de funções apresentado seja definitivo: ele é apenas um modo de salientar possibilidades expressivas dos processos referenciais, os quais se moldam aosco(n)textos e sentidos recriados pelos interlocutores a cada nova interação.

3 Referenciação e a importância para a noção de texto

A partir das análises feitas e do que foi apresentado sobre a consideração de funções dos processos referenciais, formulo em itens, para que fique mais conciso e objetivo, questões que evidenciam a relação entre referenciação e texto sob a perspectiva defendida aqui.

-Os processos de referenciação fazem constatar e salientar o fato de que a construção dos sentidos se dá no texto, na interação, na operação que consiste em supor uma situação de enunciação que torna possível o texto enunciado, ou seja, no co(n)texto. Esse pressuposto, hoje amplamente aceito e retomado em trabalhos no Brasil todo, foi construído e firmado ao longo dos anos de pesquisa de Cavalcante.

- Para defender o complexo funcionamento da referenciação, tal como Cavalcante (2000) propôs, foi preciso aprofundar e deslocar diversos conceitos: desde os que estão implicados na questão filosófica, como era tratada a referência, até os que já estavam incorporados pela linguística, em diferentes abordagens, como cadeia referencial, interação, argumentação, quadro enunciativo, dêixis e anáfora, contexto e coerência. Todos esses conceitos confluem e são guiados pela visada de um certo modo de funcionamento da língua pelo texto, no texto. Assim, no percurso de Cavalcante, a explicação sobre o texto encontra grande parte de seu respaldo na referenciação e/ou na busca pelo firmamento da teoria sobre a referenciação, como fenômeno textual, mas também funciona na via inversa: aspectos fundamentais da referenciação, como a dêixis e o contexto, por exemplo, precisam da ancoragem dada no texto para serem compreendidos.

- O problema da sobreposição entre dêiticos e anafóricos pode ser um problema para a classificação, mas é perfeito para a língua em uso (o que equivale, para nós, aos textos) que se abre à possibilidade praticamente infinita de associar formas a funções de sentido, promovendo efeitos e interpretações novos, a cada situação de enunciação.

- A questão do co(n)texto, que comporta o cotexto e a situação (enunciativa e sócio-histórica), mas não se apresenta de maneira “externa” ao texto e, sim, é coconstruído também pelos interlocutores: isso fica evidenciado no modo pelo qual interlocutores negociam a evolução dos objetos de discurso, conforme suas percepções particulares e compartilhadas do mundo.

- As explicações para a referenciação, como no caso dos campos dêiticos e camadas enunciativas, serve para qualquer evento textual, independentemente de gênero, modalidade e aspecto tecnológico (digital ou não digital, por exemplo).

- Como uma espécie de consequência do item anterior, que é uma constatação, na verdade, a partir de Adam (2008) e de Cavalcante et al (2022), afirmamos em Brito, Ciulla e Martins (2024) que a análise dos textos pode ser vista em dimensões, quais sejam: a enunciativa, em que são estabelecidos o eu-tu/ele da enunciação, que é onde tudo começa e se organiza, especialmente pelas relações dêiticas, pelos balizamentos que delimitam a situação comunicativa que se instala, pelas relações entre os interlocutores e seus papéis e, ainda, os efeitos ilocucionários, subjetivos/objetivos e argumentativos que advêm das suas escolhas; a referencial, em que se faz a análise do processo de *referenciação*, isto é, observam-se os objetos de discurso que são referidos e como se transformam, conforme os *pontos de vista* dos interlocutores; os modos de organização e segmentação do texto podem ser vistos em uma dimensão, a partir da qual se pode depreender e (re)construir os propósitos de narrar, argumentar, descrever, explicar etc. e, além disso, a questão do *gênero*, relacionada às diferentes composições e aos diferentes propósitos comunicativos em diferentes esferas de atividade, que aí também está implicada. Propomos ainda refletir sobre como cada um desses aspectos contribui e quais outros estão envolvidos como possibilidades argumentativas para um certo *viés argumentativo* que é construído nos textos. Por fim, observamos que essa reflexão abrange textos orais, escritos, digitais e pré-digitais, contribuindo, assim, para uma teoria geral do texto.

Quanto a este último item, sobre a proposta da análise do texto em dimensões, observamos, ainda, que todas são interdependentes para uma análise do sentido do texto como um todo e, portanto, não há uma hierarquia de importância de uma dimensão sobre a outra. Contudo, no que concerne à referenciação, especialmente, sob essa perspectiva que apresentamos e que foi desenvolvida (e continua) a partir do trabalho de Cavalcante, ela dá conta da pergunta essencial inerente à interpretação e produção dos textos, seja por analistas ou por falantes comuns, que é **do que trata o texto, como e sob qual ponto de vista**. Por isso, defendemos, aqui, a referenciação como fundamental para uma teoria do texto. Além disso, reiteramos a importância da reflexão da relação da referenciação com o texto, do modo propiciado por Mônica Magalhães Cavalcante.

Considerações finais

Mostramos, neste trabalho, uma proposta de reorganização e uma ainda modesta revitalização do quadro de funções dos processos referenciais, o qual pode ser frutífero para análises e especialmente para pensar novas estratégias que advêm pela interação em ambientes digitais, por exemplo. Esse trabalho, salienta, ainda está por fazer – e talvez seja sempre assim, em contínuo, já que a língua, os textos e as tecnologias se atualizam constantemente pela ação dos falantes.

Também aventamos uma hipótese sobre o que consideramos ser o ponto teórico principal da gênese da perspectiva textual conduzida por Mônica Magalhães Cavalcante, que é a referenciação. Afirmamos que o estabelecimento dessa perspectiva teórica e analítica fomentou o estudo do texto, em suas diversas características de definição, delimitação e funcionamento, conforme os itens sumarizados na seção 3. Mais evidências e aprofundamentos dessas questões podem ser verificadas nos trabalhos de autoria de Cavalcante et al. nos trabalhos de seus orientandos (consultar a biblioteca virtual <https://bibliotecammc.com/>, em que é mantido um acervo dessas obras).

Há vários pontos que precisariam ser mais detalhados, além dos que abordamos, que exigem ainda maior aprofundamento, especialmente para um leitor inexperiente em LT, como a questão dos tipos anafóricos e dêiticos, da recategorização, das próprias dimensões de análise, que aparecem nas explicações dos exemplos, mas que são muito complexas, como as da

dimensão enunciativa, argumentativa etc. Sugerimos outras leituras para esse aprofundamento, o que pode ajudar a compreender melhor o quadro de funções referenciais e, assim, criticá-lo, para uma reorganização ou ampliação, o que pode ser útil também para compreender a relação entre referenciamento e texto e a própria LT, além do percurso trilhado por Mônica Magalhães Cavalcante.

Referências Bibliográficas

- APOTHÉLOZ, Denis. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. Genebra-Paris: Librairie Droz, 1995a.
- APOTHÉLOZ, Denis. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (eds) *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995b, p. 227-271.
- APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. *Journal of Pragmatics*, v. 31, n. 3, p. 363-397, mar/1999.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BRITO, Mariza Angélica; CIULLA, Alena; MARTINS, Mayara Arruda. Análise textual: conceitos fundamentais e metodologia. Comunicação. In: *X JADIS, IV Congresso Internacional em Estudos do Discurso*. Porto: Universidade do Porto, Caderno de Resumos, nov/2024.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dílicos discursivos*. 2000. 204 f. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Processos referenciais e relações discursivas. Comunicação apresentada por ocasião da *XXII JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS* – Geln. Maceió, 2008.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação e uso. In: *Anais VI Congresso Internacional da AbraInDermeval da Hora* (org.). João Pessoa, 2009. Disponível em http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/M%C3%B4nic a%20Magalh%C3%A3es%20Cavalcante%20-%20ok.pdf. Acesso em 31/12/2024.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. *Linguística textual – conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CIULLA, Alena. *A referenciação anafórica e dílica – com atenção especial para os dílicos discursivos*. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 207f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2008.

CIULLA, Alena. Categorização e referência: uma abordagem discursiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 56, n. 2, p. 247–258, 2015. DOI: [10.20396/cel.v56i2.8641477](https://doi.org/10.20396/cel.v56i2.8641477). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641477>. Acesso em: 9 jun. 2025.

CIULLA, Alena; MARTINS, Mayara Arruda e CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. A dêixis em linguística textual: recurso estratégico para a construção dos sentidos In: *Linguística e interação: estudos teóricos e aplicados*, ed.1. Campinas: Pontes Editores, 2024, v.1, p. 43 - 60.

JUBRAN, Clélia Spinardi; KOCH, Ingodore Grunfeld Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MARTINS, Mayara Arruda. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital – análise de aspectos interacionais e enunciativos*. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MATOS, Janaica Gomes. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MONDADA, Lorenza ; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: *TRANEL (Travaux Neuchâtelois de Linquistique)*, n.23, 1995, p.273-302.

Submetido em 01/01/2025
Aceito em 30/06/2025